

- **Brasil e Reino Unido vão intensificar parceria no setor de defesa\***
- **SGDC deve ser lançado em março de 2017\***
- **'Cancela o pedido!': Por que Donald Trump quer interromper projeto de novo avião presidencial\***
- **Abe e Putin querem melhorar laços Japão-Rússia, mas disputa territorial deve persistir\***

## **Brasil e Reino Unido vão intensificar parceria no setor de defesa\***

Brasil e Reino Unido vão retomar a parceria no setor de defesa. O assunto norteou a audiência concedida pelo ministro da Defesa, Raul Jungmann, ao ministro de Estado para o Comércio Internacional do Reino Unido, Liam Fox, nesta quarta-feira (7), em Brasília. Durante o encontro, os ministros se dispuseram a retomar um acordo bilateral entre os dois países.

Liam Fox iniciou a conversa explicando que foi preciso ajustar os gastos das Forças Armadas britânicas em relação ao orçamento. O ministro Jungmann contou que o país atravessa uma crise financeira e lembrou que, entre 2008 e 2009, o governo brasileiro

resolveu expandir os gastos e, nos dias atuais, é necessária a revisão para moldá-los à realidade fiscal.

O ministro brasileiro contou também que as Forças Armadas têm em seus quadros militares temporários, com contrato de até oito anos, que representam menos custos para o erário. Segundo o ministro, ao término deste período acaba o vínculo e a permanência somente se dará por meio de concurso público.

Jungmann disse também que tem mantido diálogos constantes com outros países como forma de assegurar o incremento de produtos de defesa. Os ministros destacaram segmentos da indústria de defesa que podem ser do interesse comum aos dois países.

Fonte: Ministério da Defesa

Data da publicação: 07 de dezembro

Link: <http://www.defesa.gov.br/noticias/26753-brasil-e-reino-unido-vaio-intensificar-parceria-no-setor-de-defesa>

## **SGDC deve ser lançado em março de 2017\***

O primeiro Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas (SGDC) do Brasil está pronto e deverá ser lançado em 21 de março de 2017.

O equipamento foi apresentado a uma comitiva do governo brasileiro na última quinta-feira (01) em Cannes, no sul da França, onde fica a sede da Thales Alenia Space (TAS), empresa fornecedora do satélite.

O secretário-executivo do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), Elton Zacarias, que integrou a comitiva junto com o presidente da Telebras, Antonio Loss e o ministro da Defesa, Raul Jungmann, destacou a importância do satélite para levar banda larga às áreas remotas do País e também para as comunicações de defesa do Brasil.

O projeto é uma parceria entre o MCTIC e o Ministério da Defesa, com investimentos da ordem de R\$ 2,1 bilhões.

Nos próximos dias, o satélite começará a ser embalado para o transporte até a base de Kourou, na Guiana Francesa. A previsão é que o equipamento seja colocado em órbita a bordo do foguete Ariane-5, em março do próximo ano. O satélite, de 5,8 toneladas e 5 metros de altura, ficará posicionado a uma distância de 36 mil quilômetros da superfície da Terra, cobrindo o território brasileiro e o Oceano Atlântico.

## Segurança

Segundo o secretário Elton Zacarias, a visita à empresa Thales Alenia Space incluiu uma apresentação sobre o satélite geoestacionário e a participação de técnicos brasileiros na troca de experiências tecnológicas. O grupo, explicou Zacarias, teve a oportunidade de conhecer as instalações e o potencial da empresa responsável pela construção do equipamento. “Ver toda a estrutura envolvida dá mais segurança para que o satélite consiga atender às expectativas do governo, que fez um alto investimento”, disse o secretário.

O SGDC começou a ser construído em janeiro de 2014. A montagem do equipamento ficou a cargo da empresa francesa sob contrato com a Visiona, uma joint venture formada pela Telebras – estatal federal do setor de telecomunicações – e a Embraer – empresa privada dos setores aeroespacial e de defesa. O projeto prevê a transferência de tecnologia e a capacitação de técnicos de diversos órgãos do governo brasileiro.

Nos últimos meses, o satélite passou pela fase final de testes na França. Foi testado o sistema de telecomunicações e de telecomando, que simula as condições de transmissão das antenas. Os profissionais que vão operar o artefato estão na última fase de treinamentos. Foram mais de dois anos de preparação. A partir de janeiro de 2017, cerca de 60 profissionais, militares das Forças Armadas e funcionários da Telebras usarão simuladores para testar a operação do satélite.

O equipamento vai operar nas bandas X e Ka. A primeira é uma faixa de frequência destinada exclusivamente ao uso militar, correspondendo a 30% da capacidade total do satélite. Já a banda Ka, que representa 70%, será usada para ampliar a oferta de banda larga pela Telebras. A vida útil do SGDC está estimada em 18 anos.

Fonte: Tecnodefesa

Data da publicação: 06 de dezembro

Link: <http://tecnodefesa.com.br/sgdc-deve-ser-lancado-em-marco-de-2017/>

## **'Cancela o pedido!': Por que Donald Trump quer interromper projeto de novo avião presidencial\***

O presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, voltou a causar polêmica no Twitter ao propor o cancelamento do contrato de compra de novos aviões presidenciais para cortar custos.

"A Boeing (fabricante americana de aviões) está construindo um 747 Air Force One (como é chamado o avião presidencial nos EUA) novo em folha para futuros presidentes,

mas os custos estão fora de controle, mais de US\$ 4 bilhões (R\$ 13,5 bilhões). Cancela o pedido!", escreveu ele em sua conta pessoal no Twitter.

O governo americano tem um contrato com a Boeing para construir dois ou mais novos aviões.

A Casa Branca, no entanto, questionou os dados divulgados por Trump.

"Algumas das estatísticas que foram citadas, devemos dizer, não parecem refletir a natureza do acordo financeiro entre a Boeing e o Departamento de Defesa", afirmou Josh Earnest, porta-voz da presidência.

Segundo o cronograma, os novos aviões devem entrar em operação por volta de 2024.

Logo após a declaração de Trump, as ações da Boeing caíram mais de 1%, mas os papéis se recuperaram ao longo do dia.

O empresário, contudo, não chegaria a voar nos novos aviões, a menos que fosse reeleito em 2020.

Trump também anunciou na terça-feira que o banco japonês SoftBank concordou em investir US\$ 50 bilhões nos Estados Unidos e criar 50 mil novos empregos.

Trump revelou o plano depois de encontrar com o CEO do Softbank, Masayoshi Son, na Trump Tower, sede de suas empresas, em Nova York.

"Masa disse que nunca faria isso caso não tivéssemos vencido as eleições", tuitou ele.

Como presidente e comandante-em-chefe, Donald Trump tem o poder de cancelar o contrato com a Boeing para novos aviões.

Mas se ele fizer isso, o cancelamento vai acabar pesando mais no bolso do contribuinte americano. O governo dos Estados Unidos já assinou um contrato com a Boeing por US\$ 170 milhões. Um orçamento adicional já foi reservado para os dois novos aviões.

O Escritório de Contabilidade do Governo - um órgão de auditoria independente - calcula que o custo final será de US\$ 3,2 bilhões. Os aviões já estão em fase inicial de concepção – embora grande parte do dinheiro ainda não tenha sido gasto – e não se sabe por ora se os custos vão exceder as estimativas.

Negociações entre a Boeing e o governo americano podem reduzir os custos, mas se Trump optar por cancelar o contrato, o país pode acabar perdendo o dinheiro que já concordou em pagar.

Atualmente, Trump usa seu avião particular, mas como presidente ele viajará a bordo do Air Force One.

Ele é conhecido pela admiração por seu Boeing 757, customizado com seu nome.

Em entrevista à revista americana Rolling Stone no ano passado, ele disse que sua aeronave era "maior do que o Air Force One, que está a um passo atrás em todos os aspectos".

"Você sabia que ele foi citado em um documentário no (canal) Discovery Channel como o avião mais luxuoso do mundo?", disse ele na ocasião.

A jornalistas, o presidente eleito falou na terça-feira que o preço pelo novo Air Force One era "ridículo".

"Queremos que a Boeing ganhe muito dinheiro, mas não tanto dinheiro", acrescentou.

Salão Oval 'voador'

Tecnicamente, o "Air Force One" é o nome dado a qualquer aeronave que transporta o presidente dos Estados Unidos. No entanto, o termo é usado normalmente para se referir a dois aviões Boeing 747-200B.

Capazes de serem reabastecidos durante o voo, e dotados de equipamentos de comunicação segura, eles são descritos como "Salões Ovais voadores", em alusão ao gabinete do presidente americano.

Dentro do avião, o presidente e os demais passageiros têm à disposição uma área de 400 m<sup>2</sup> dividida em três níveis.

O espaço inclui a suíte presidencial e quartos para conselheiros, funcionários do Serviço Secreto e jornalistas.

Há também uma enfermaria que pode funcionar como centro cirúrgico. Um médico sempre acompanha o presidente a bordo.

O avião também possui duas cozinhas que podem alimentar 100 pessoas ao mesmo tempo

As declarações de Trump ocorrem depois que o jornal americano Chicago Tribune publicou uma coluna na manhã de terça-feira na qual o CEO da Boeing, Dennis Muilenburg, sugeriu que o presidente eleito retroceda em sua retórica anticomercial.

"Se não liderarmos quando se trata de escrever essas regras (comerciais), nossos concorrentes farão isso por nós", disse Muilenburg ao diário.

O Escritório de Contabilidade do Governo dos EUA calcula que o custo total do projeto será de US\$ 3,2 bilhões, mas esse valor ainda pode aumentar.

A Força Aérea dos EUA informou que destinou US\$ 2,7 bilhões para a aquisição das aeronaves, mas "espera que esse número mude".

"Estamos ansiosos para trabalhar com a Força Aérea dos EUA nas fases subsequentes do programa, o que nos permitirá entregar os melhores aviões para o presidente com o melhor valor para o contribuinte americano", afirmou Todd Blecher, porta-voz da Boeing.

Fonte: Terra

Data da publicação: 07 de dezembro

Link: <https://noticias.terra.com.br/mundo/estados-unidos/cancela-o-pedido-por-que-donald-trump-quer-interromper-projeto-de-novo-aviao-presidencial,6d4d489429deaf4a4b61d4f3be476109nxfaffs.html>

## **Abe e Putin querem melhorar laços Japão-Rússia, mas disputa territorial deve persistir\***

TÓQUIO (Reuters) - Japão e Rússia parecem a caminho de melhorar o relacionamento e fechar alguns acordos comerciais quando seus líderes se encontrarem na semana que vem, mas os dois lados estão reduzindo as expectativas de um avanço significativo em uma disputa territorial que vem impedindo um tratado de paz para encerrar formalmente a Segunda Guerra Mundial.



O primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe, que em setembro prometeu "resolver a questão territorial", quer deixar um legado diplomático rompendo o impasse com a Rússia, uma estratégia que ele espera ajudar Tóquio a se contrapor a uma China cada vez mais saliente.

Concessões territoriais seriam arriscadas para o presidente russo, Vladimir Putin, mas os acordos comerciais que o Japão está ofertando seriam bem-vindos para uma economia prejudicada pelo preço baixo do petróleo e por sanções ocidentais.

Mas na semana passada Abe disse que, embora torça por um progresso, o problema não pode ser solucionado em uma reunião. Autoridades russas ecoaram o tom de cautela.

"Não deveríamos elevar as expectativas. Será suficiente se um passo novo rumo à resolução da questão territorial tiver sido tomado", disse Muneo Suzuki, parlamentar envolvido há tempos com as relações Japão-Rússia que hoje aconselha Abe, à Reuters. "Acho que um passo pode ser dado".

A desavença territorial deriva da tomada soviética de quatro ilhas na costa de Hokkaido, conhecidas no Japão como Territórios do Norte e na Rússia como Ilhas Curilas, no final da Segunda Guerra Mundial.

Embora os laços entre as duas nações tenham melhorado desde o final da Guerra Fria, os dois países testemunharam oposição doméstica a concessões na posse das ilhas, que continuam sob controle russo.

Abe e Putin irão se reunir nos dias 15 e 16 de dezembro, primeiro no distrito eleitoral do premiê, no sudoeste japonês, e no dia seguinte na capital.

Os dois lados estão trabalhando para ressuscitar conversas sobre segurança e um treinamento de resgate naval conjunto, interrompido quando a Rússia anexou a Crimeia em 2014, desencadeando sanções do Ocidente. Eles também podem concordar em acelerar as conversas sobre atividades econômicas conjuntas nas quatro ilhas, relatou a mídia japonesa.

"Estes são resultados escassos depois de expectativas tão altas", disse James Brown, professor do campus da Universidade Temple do Japão.

Fonte: Reuters

Data da publicação: 08 de dezembro

Link: <http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRKBN13X19H?sp=true>

\* Não mencionado o autor no texto.